A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1.o do mez em que são tomadas

Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

Toda a correspondencia a EDGARD LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. PAULO - (Brasil)
Redacção e Administração: Rua Cap. Salvador, 3-B (Sobrado) — Junto ao Largo da Sé

ANNO I -:- NUM. 2
Sabbado, 16 de Junho de 1917
PUBLICA-SE AOS SABBADOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis por centimetro de columna

Em nome do Povo, não!

A Camara dos Deputados votou, por quasi unanimidade, a revogação da neutralidade do Brazil ante o estado de guerra declarado entre os governos da Allemanha e dos Estados Unidos. Apenas 3 dos deputados presentes votaram contra, sendo que um delles por julgar insufficiente o decreto de revogação da neutralidade referida; votaram a favor 136 deputados e outros declararam depois que tambem a favor votariam si estivessem presentes á hora da votação. Dentro em breve, fatalmente, esses mesmos deputados votarão a favor da entrada total do Brazil na grande guerra, e o Brazil irá formar passivamente ao lado de um dos grupos de belligerantes. Ora, esses deputados, que formam o ramo mais importante do parlamento federal, affirmam representar o povo brazileiro, suppondo-se eleitos por elle e agindo em nome delle. Protesto: não é verdade! Não é verdade que o povo brazileiro tenha delegado poderes quaesquer a essa réqua de salafrarios parlamentares. Não é verdade, porque a mentira do suffragio é cousa unanimemente proclamada fóra de qualquer duvida. As eleições são todas falsas e falsissimas: a imprensa o tem demonstrado um milhão de vezes e são os proprios deputados que o teem confessado e provado. E mesmo que as eleições no Brazil fossem uma cousa séria e verdadeira, ainda assim os parlamentares e governantes, que neste momento decidem da entrada do Brazil na guerra, não podem legitimamente falar nem agir em nome do povo. Os proprios algarismos officiaes se encarregam de o confirmar, categoricos e irrevogaveis... Aqui tenho diante dos olhos o Volume I (*territorio e população*) do Anno I (*1908-1912*) do **Annuario Estatistico do Brazil**, publicado em 1916 pela Directoria Geral de Estatistica, do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. E' um alentado e pojado cartapacio in-4.º com XXXII-474 paginas, de onde vou transplantar, com o maior escrupulo, os algarismos que se seguem, referentes ao anno de 1910. Nesse anno o numero de eleitores, em todo o territorio do Brazil, attingia a cifra de 1.155.146. Dentro da hypothese utopica de uma eleição séria e supponde-se que os nossos governantes do legislativo e do executivo tenham sido conscientemente escolhidos por essa massa eleitoral, poder-se-á garantir, com lisura e integridade de animo, que esses governantes representam o povo? Passo por alto os motivos de ordem qualitativa e atenho-me aos de ordem exclusivamente quantitativa, baseado nas estatisticas officiaes. Segundo estas (correspondentes sempre ao anno de 1910 e não contando o territorio do Acre, que não forma na massa eleitoral), a população brazileira subia a um total de 22.203.251 habitantes, dos quaes 11.213.912 do sexo masculino e 10.989.339 do sexo feminino. Mais ou menos metade de cada sexo. Daquelle total, o numero de habitantes em idade eleitoral, de 20 a 89 annos (excluidos os maiores de 90 annos — 91.629 — e os de idade ignorada — 110.114 —) era de 11.695.140. Como, porém, só os homens teem o direito do voto e como os dous sexos entram mais ou menos em partes iguaes no total da nossa população, podemos affirmar com segurança existirem no Brazil um minimo de 5.000.000 de homens em idade eleitoral. Ora, como vimos antes, o numero de eleitores não ia além de 1.155.146... Portanto: mesmo que os eleitores activos fossem todos conscientes do voto que dão, mesmo que todos votassem, mesmo que todos os votos fossem contados, mesmo que houvesse unanimidade de votos, — ainda assim os senhores do parlamento e da governança não representariam absolutamente o povo brazileiro e absolutamente não poderiam falar nem agir em nome delle. Esta é a verdade mathematica, insophismavel, indestructivel, que os interessados na farsa republicana occultam ou mascaram, que os illudidos da utopia democratica desconhecem e que é necessario deixar bem patente, á luz causticante deste sol dos tropicos...

Bazilio Torrezão.

Jurujuba, 10-6-917.

Guanabarinas

Rio, 11 de Junho. — *Com o dezastre da rua da Carioca, que deixou sem o já escasso pão alguns lares proletarios, todo se removeu a fibra caridoza dos ricaços e das damas de alta e baixa roda... Os donativos graúdos e as esmolas opulentas choveram sobre as cabeças orfans de pai e de amor, de mistura com as lagrimas fementidas de uma piedade cabotina e infamissima, sarcasmo cruel atirado ao desvalido das vitimas pelos proprios verdugos. A imprensa, essa eterna emprezaria da desfaçatez dinheiruda, encabeça as subscrições, ao lado das ciprestais colunas de lamentações, enfileirando nomes e nomes do mundanismo dourado, e da industria, e do comercio, e da patota. No parlamento, um deputado, o Sr. Pirajibe, imperturbavel na sua atitude de adulador da ralé eleitoral, apresenta um projéto de socorro, acompanhando-o de palavras tremelicantes de falsa emoção, num timbre irrifadiço e insexuado. Até o Sr. Venceslau se dignou em decer das aquilinas alturas do Catete, de onde já espulsara uma comissão operaria, e veiu rastejar a sua insignificante proeminencia na poeira dos escombros. A propria policia do sabio Aurelino provou, na mesma noute do dezastre, a dôr que a acabrunhava, metendo na cadeia tres operarios que tiveram a destoante ouzadia de, em vez de chorar sobre os cadaveres, berrar ali na praça publica a sua indignação contra os empreiteiros da morte e da desgraça... Mas vale a pena particularizar, com um ezemplo caratoristico, essa furia ezibicionista da caridade burgueza. Entre os subscritores de uma das listas abertas pelos jornais, figura o Sr. Magalhães Machado, que é nada mais, nada menos que o proprietario do edificio dezabado. A capacidade caritativa do Sr. Magalhães cifrou-se na quantia de 1:500$000, retirada ás pilhas que a sua vasta burra de saguicissimo passador de notas falsas armazena. Dizem-me que este sujeito tem uma renda diaria de dous contos de réis, resultante dos milhões empilhados durante anos e anos de honrada e proficua pirataria. Portuguez de origem, tendo aportado a estas plagas brazileiras com as mãos a abanar, o riquissimo canastrão atira sobre a cabeça dos orfãos uma migalha do seu ouro dezonesto e a sociedade inteira, louvando-se no seu ezemplo, proclama a sublimidade dos sentimentos cristãos, que tornam os ricos, mesmo os mais ladravazes, brandos e suaves como balsamos, diante das feridas abertas na carne mizeravel dos escravos do trabalho... Manes de Cambrone!...* — **Astper.**

GENESE DAS FORTUNAS

C'EST LA LUTTE FINALE...!

Referem telegrammas que, em Paris, num dos primeiros dias deste mez, a multidão impacientada, na Place de la République, isto é, ás portas quasi da Bolsa do Trabalho, entoou, pela primeira vez, depois de declarada a guerra, as estrophes vingadoras da Internacional.

C'est la lutte finale!

Que Junho com os seus dias quentes e banhados de sol faça, afinal, despertar o proletariado europeu. O de Pariz já vai cantando, como nos dias sangrentos da Communa, a canção libertadora.

Gloriosa plebe, a de Paris!

Cantando a *Marselheza*, e sorrindo para a morte, ella fez as jornadas inesqueciveis de 1789 a 1793. Fremente de amor pela liberdade, fez as barricadas em 1848. Na Communa, em 1871, deu um grande exemplo não comprehendido a toda a Humanidade, abatendo a columna de Vendôme, glorificação de um Cesar usurpador que, com os seus exercitos, opprimira toda a Europa, provocando contra a França, gloriosa libertadora politica dos homens, a reacção de todas as côrtes européas.

Que fará em 1917 a heroica plebe dos *faubourgs* de Paris?

Os povos já não podem mais supportar as consequencias da universal conflagração.

Antes de sacrificarem-se nas frentes de batalha, servindo os interesses da burguezia exploradora, devem os homens lutar nas ruas das capitaes da Europa, arrazando thronos e altares, abolindo o direito de propriedade que é a causa de todo o mal estar social.

Que de lá venha o exemplo e, em toda a superficie da terra, os povos se rebellarão, sepultando nas paginas da historia, sob o peso da execração humana, a nefasta sociedade capitalista.

Jean Roule.

Commentarios de um plebeu

Imperialismo na America

Não ha quem ignore que até o momento em que os Estados Unidos declararam guerra á Allemanha, a America, todo o vasto continente americano, com as suas innumeraveis ilhas e raças innumeraveis (exceptuado o Canadá) permanecia irreductivelmente neutra defronte ao conflicto europeu. O seu mutismo era completo e completo tambem o proposito em que se achava de evitar complicações.

Até lá nada tinha que ver nem com allemães, nem com alliados. Sendo neutra, neutra continuava. Não a impressionavam nem lhe produziam o menor abalo as infamias e abominações de qualquer dos grupos belligerantes. O direito, as convenções internacionaes, a honra propria impediam a minima manifestação de parcialidade. Quando muito, de longe a longe, a America do Sul e Central erguiam a cabeça e olhavam para o norte, na direcção dos Estados Unidos. Não vendo nem ouvindo rumores maiores, encolhiam o pescoço e desappareciam.

Assim viviam até ha pouco as republicas sul-americanas e as republicas centraes. A honra destes paizes permanecia intacta. Permaneceu intacta ainda depois que a Allemanha annunciou o bloqueio sem restricções. Ha, porém, um paiz americano que protesta, um vasto paiz do norte não acceita o bloqueio. E' quanto basta. Os paizes sul-americanos repellem o bloqueio. Repellem-no egualmente as republiquetas da America Central e das Antilhas. Todas as côres e todas as raças do Novo Mundo, até aquellas que o não conhecem e della não têm e nunca tiveram a menor idéa, sentem que a honra é vermelha e se pinta na face mesmo quando a face seja preta.

Mas apoz o protesto yankee contra o bloqueio annunciado pela Allemanha veio a guerra com este paiz. De novo as Americas do Sul e do centro observam a do Norte, e inteiradas do conflicto yankee-teutonico, cada uma por sua vez e successivamente, varias republicas sul-americanas declaram o estado de guerra com a Allemanha. O ultrage era excessivo e o Norte dera o signal.

A esta abominação não escapou o Brasil. O incidente do Paraná e outros que sobreviessem teriam bem diversa solução se os Estados Unidos, «que todo lo mandan» continuassem neutros.

Isto parece claro, mas, como diz o nosso amigo Romão, é sempre muita a gente que, neste mundo e por estes tempos, vive de ver escuro».

Impudores bellicos

A invasão da Grecia pelos Alliados é um facto, hoje, tão indiscutivel como a invasão da Belgica pelos allemães. Os que ainda alimentarem duvidas, que consultem os telegrammas. A França, a Russia e a Inglaterra impuzeram á Grecia a abdicação do rei Constantino e occuparam militarmente o paiz. A occupação militar da Grecia pelas forças alliadas é um acontecimento remoto, mas, effectuada aos poucos e sem ruido, e com os pretextos mais singulares para o que chamam a soberania de um povo, ella era diversamente interpretada e estava, até ha pouco, quasi esquecida. Agora o facto é demasiado brutal para que os Alliados procurem attenual-o sem invocarem os mesmos e especiosos motivos de que a Allemanha se serviu para invadir e occupar a Belgica.

Depois disto, é para se ficar de bocca aberta, sem nada ver nem atinar deante do impudor dos governos da Alliança e dos seus principios de justiça e civilização com que, sem cessar, nos atormentam os ouvidos.

Mais uma

Na hecatombe da rua da Carioca, no Rio de Janeiro, o numero de victimas, segundo cifras officiaes, foi de quarenta e uma pessoas. Quarenta e um trabalhadores, na maior parte com mulher e filhos, ficaram reduzidos a trapos ou a informe massa pastosa sob os escombros de um predio de nove andares.

Este é o facto cru' e simples na sua crua e simples realidade. Mentiriamos se dissessemos que a occorrencia nos surprehendeu. Não nos póde causar surpreza nem maravilhar-nos de qualquer sorte um acontecimento que entra na ordem dos phenomenos communs, que estamos habituados a observar como observamos a queda da chuva e o nascer do sol. Uma causa astronomica produz o sol, uma lei physica a chuva, uma causa social e economica o desastre da rua da Carioca.

Para este desastre concorreram pelo menos dois factores: o elemento capitalista e o elemento proletario. O primeiro, rico, influente, ganancioso, sem escrupulos, concebeu e fez que approvassem um projecto de construcção que devia attingir o céo e por maravilha deste e da torre de Piza contrariar as leis do equilibrio. Nem os alicerces, nem a qualidade e espessura das paredes eram alli indispensaveis. Subir, subir sempre era o que convinha. O céo é livre e a mão d'obra barata. O outro elemento, o factor operario, é o factor operario. Está dito tudo. Móra numa alfurja, tem mulher e filhos a sustentar, e um dia sem trabalho é um dia de fome e desespero.

São estes dois elementos assim associados, o capital rutilante e dominador e o braço descarnado e sem prestigio que produzem a hecatombe da rua da Carioca e todas as hecatombes da sociedade presente e passada. Ellas matam o operario na fabrica e o trabalhador no campo. Morte lenta, sim, mas segura. Destroem a creança e a mulher na officina, criam a prostituição e a mendicidade. Causam os desmoronamentos nas minas e as explosões de grisu' que soterram e carbonizam massas inteiras de trabalhadores. Tudo isto são effeitos da mesma causa. Para o sol e o calor ha os chapeus, as roupas leves e agua fresca, para a chuva os apparelhos que a evitam. Que haverá contra os maleficios dos cavalheiros Jannuzzi e dos cavalheiros Magalhães Machado que ha tantos seculos infelicitam esta podre humanidade? Ha o que não precisa dizer-se porque anda na athmosphera e já se respira na Russia...

R. F.

Quando a treva é densa, o atalho é rude e a jornada é incerta e perigosa, uma tremula luzinha de candela brilha aos nossos olhos com o fulgor duma estrella. Ella dá firmeza aos nossos passos e esperança ao nosso coração.

Eis porque é tão grande a nossa alegria quando recebemos o jornal que Sebastião Faure publica em Paris: *Ce qu'il faut dire...* — «o que é preciso dizer» nesta hora tragica. No emtanto, que é um jornal anarchista nesta horrivel conjuntura? Na apparencia, quasi nada, menos do que antes. Mas é como a brasa ardente, que no lar ficou do lume vivo de hontem, para reaccender as fogueiras crepitantes de amanhã.

Sobretudo porque nos vem de França, onde o pujante pensamento anarchista parecia afogado no pantano turvo da «União Sagrada», communhão de lobos com cordeiros.

Sobretudo porque nos vem dizer o que aliás já sabiamos por meios menos ousados e probantes: que em França não sossobrou miseravelmente no democratismo o nosso anarchismo communista e revolucionario, que é antes de tudo um methodo de acção e não um simples ideal para um futuro distante... E vem annuncial-o mais pelas declarações dos grupos e pelo extraordinario exito do jornal, especialmente nos bairros operarios, do que pelos argumentos dos seus artigos, que a Censura reforça e documenta fortemente com a alvura berrante dos seus cortes.

Zeno Vaz

Inevitavel solução

Lloyd George, o notavel membro do partido trabalhista inglez que, no momento actual, como ministro da Inglaterra desempenha tão extraordinario papel na politica mundial, disse, num dos seus discursos, que á guerra actual caberia completar a obra libertadora da Revolução Franceza.

A humanidade, ao menos nos paizes considerados civilisados, goza de liberdades politicas.

Em que sentido, pois, poderá a guerra actual completar a obra libertadora da Revolução Franceza?

Os burguezes timoratos ou estupidos não comprehenderam as palavras de Lloyd George. Mas o grande ministro inglez, se as pronunciou é porque prevê qual será o fim da conflagração.

A humanidade, sabe-o Lloyd George, não é livre, porque não ha liberdades nem egualdades politicas onde não existe egualdade economica.

Não ha egualdade emquanto o burguez explorador do trabalho tem o direito de morrer de indigestão e o trabalhador é constrangido a morrer de fome.

A obra libertadora a completar-se é a abulição da propriedade individual. O homem, producto de uma lenta evolução animal, só chegará ao apogeu da civilisação num regimen communista, em que só o trabalho será glorificado. O que Lloyd George previu foi essa grande transformação social que o actual conflito mundial vai produzir. Effectivamente, quando se considera que todo o ouro estrahido da terra desde a descoberta da America representa um valor de 85 bilhões de libras esterlinas, e que só de emprestimos de guerre já montam a 950 bilhões, é o caso de perguntar-se onde se irá buscar o necessario para o pagamento dessa divida colossal.

E supportará o povo trabalhador, depois de haver dado o tributo de sangue, que a burguesia possa receber os juros dos emprestimos de guerra, ella que é a causadora dessa hecatombe que aniquila a Europa?

Supportará o povo trabalhador que uma minoria de parasitas do trabalho continúe a viver num *dolce far niente*, explorando-o quando para elle a vida aggravada pela guerra se tornará ainda mais difficil depois de celebrada a paz?

Já, assustados, os burguezes promettem leis garantidoras do trabalho e que tornem menos selvagem a exploraçao. Mas o povo trabalhador, que é o *poilu* das trincheiras francezas ou o *tommie* do exercito inglez se contentará com essas migalhas, deixando que os rotundos burguezes continúem a digerir pacificamente os seus milhões mal accumulados?

Tudo nos leva a pensar que o mundo vai passar por uma grande transformação, e que a guerra actual será a ultima a enlutar a historia da Humanidade. Abolida a propriedade individual, causa directa de todo o mal estar social nos nossos dias, a Humanidade entrará num novo cyclo de civilisação, e lentamente se encaminhará para uma sociedade perfeita.

Com Lloyd George, pois, acreditamos que a guerra actual completará a obra libertadora da Revolução Franceza, fazendo triumphar nos nossos dias os principios pelos quaes se bateram Babeuf e seus companheiros. O communismo será, em breve, uma realidade.

Benjamin Mota.

O alcoolismo, a prostituição e a hypocrisia, eis o que se apprende na vida da caserna.

Erasmo.

A's Mães

Mães respeitaveis, escutae:

Vós, que com infinito sacrificio destes á luz da vida os vossos filhos, que nutristes com o sangue das vossas veias e o leite dos vossos seios, com a ambrosia do vosso immenso amor de mães; vós, que pelas noites soturnas, velastes o seu somno angelico e innocente com uma aureola de immaculado carinho, que arrulhastes com ternuras inefaveis o seu placido dormir, e, pelo dia afóra, guiastes os seus passos ainda vacillantes, ensinando-os a balbuciar simples e encantadoras palavras; vós, que lhes haveis communicado a vida, o amor, a sabedoria, cercando-os de cuidados infinitos, enthusiasmando-vos com o seu incessante crescer e arrancando-vos as mais sentidas lagrimas ao menor signal da doença; vós, que vos encheis de affeições e vos inquietaes com as suas menores contrariedades e os mais simples contratempos, escutae:

Os vossos filhos, os mais sãos, os mais fortes e vigorosos, os de melhor e mais solida construcção, aquellas que são o orgulho da casa, os melhores e mais solidos esteios em que se amparaia a vossa velhice veneravel vão ser-vos impiedosamente, violentamente arrebatados, ultrajando o sagrado santuario em que se abrigam os vossos sentimentos mais puros, destruindo com refinada crueldade o fogo do vosso maternal amor.

De nada valerão os vossos protestos, as vossas lagrimas, as vossas supplicas. O monstro que vos roubará o que mais estremeceis na vida não entende o sentido das vossas lagrimas e dos vossos rogos. Elle apenas conhece a linguagem do açoite, do chumbo e da metralha.

Com as fauces sempre abertas, disposto sempre a devorar, e as garras de ferro encrespadas, rugirá terrivel e ameaçador a vossos ouvidos os nomes de patria, honra nacional, integridade do paiz e defeza dos interesses da nação...! Como se tudo isso vallesse uma lagrima dos vossos olhos, uma dor da vossa alma.

Esses são os pretextos com que eternamente se disfarçam os grandes crimes da guerra, praticados contra os filhos do povo trabalhador.

A verdade, porém, é bem outra. E' a propriedade privada, o Estado, a religião, toda a burguezia com os seus abusivos privilegios, com a sua historia de crimes e infamias seculares: são os banqueiros inglezes, francezes, allemães, etc. que exigem o sacrificio não só dos vossos filhos, mas ainda a dos vossos parentes, irmãos, amigos... em troca do ouro emprestado á burguezia e governo brazileiros, ouro que foi delapidado em opiparos banquetes, em saturnaes orgias, ouro escoado na algibeira de elegantes "cocotes" a troco de mercenarias caricias.

Sim, mães. Tudo isso custa a rubra seiva que palpita nas veias dos vossos filhos, pedaços da vossa alma, da vossa vida, e que tingirá de purpura os campos em que germinarão novos odios e novos e mutuos desejos de vingança e destruição.

Não, mães, não consintaes que tão grande crime se consumma. Aconselhae a resistencia, a rebellião á mão armada. Todos os meios se justificam quando se trata de defender a vida de seres queridos contra a ferocidade maldita de uma burguezia sem entranhas que só sabe nutrir-se com o vosso suor e com o vosso sangue.

Sim, mães, na vossa defeza e na de vossos filhos aconselhae e praticae todos os meios dignos de seres humanos. Tudo, tudo, antes que consentir que arranquem do vosso lar os vossos filhos estremecidos para serem assassinados em holocausto á tyrannia.

Já que a burguezia nos força a guerrear, batamo-nos, mas contra ella e na defeza dos vossos direitos e da nossa liberdade.

Isaac Ninive.

«A Plebe» em Campinas

E' encontrada á venda na agencia de jornaes do sr. Antonio Albino Junior.

A revolução russa

A revolução que lavra na Russia é uma das preciosas consequencias da calamidade que ha tres annos alaga a Europa em sangue, sendo essa calamidade, por sua vez, uma consequencia do iniquo regimen de propriedade privada.

A guerra e a revolução, pois, são effeitos da mesma causa: a posse individual de bens produzidos pela collectividade.

O mal está todo na organização social. Se eu não o dissesse, di-lo-ia o Conselheiro.

As sociedades que permittem a apropriação indispensavel das riquezas tem, por isso mesmo, a competencia e o antagonismo de interesse entre seus membros, onde se engendra a lucta nas suas diversas modalidades.

Os deveres dos pobres brigam com os direitos dos ricos.

A mesma causa que gera o conflicto entre os individuos de um nação, dá origem á guerra entre as nações.

No primeiro caso é a guerra civil interna permanente, mais ou menos intensa, dos productores das riquezas contra os detentores destas; no segundo caso é a guerra militar externa periodica, organizada por estes detentores contra os de outras nações.

A primeira forma de guerra representa a revolta legitima do espoliado contra o espoliador; a segunda, é a luta canina de um salteador contra outro salteador.

E é porisso que eu chamo a esta guerra uma guerra de ladrões.

Ha aqui um caso a considerar — é que esses ladrões, não se querendo expôr aos perigos da luta entre si, organizam-na entre suas victimas e aguardam tranquilamente o resultado do assalto.

Isto dito assim, não é bem claro, e eu sempre fui um maniaco da clareza.

A Allemanha, a Austria e os seus alliados são nações compostas de gente pobre que, embora produza tudo, nada têm, e gente rica que, embora nada produza, tem tudo.

A Inglaterra, a França, a Italia e os seus companheiros representam outro grupo de nações cujo regimen social é identico ao dos seus adversarios.

Inda por amor á clareza e como homenagem á verdade, eu quero representar aqui essas duas agrupações como duas vastas empresas commerciaes e industriaes.

E temos a questão bem posta a meu ver, já se sabe, porque no sentir bem sentido de certos varões respeitaveis cujo espirito de sacrificio pela patria pode ir até o martirologio ou matar de inveja o cadaver de Dom Basilio, eu devo estar em erro, se não sou um maroto de peor especie.

Ora bem.

Nós todos sabemos que uma vasta empresa commercial e industrial é composta de individuos que mandam e de individuos que são mandados, individuos que produzem [illegible] e individuos que se apossam delles. De tal sorte, que uns vão-se finando á mingua e outros nadam na fortuna.

Aquelles protestam, estes esforçam-se para abafar os protestos com promessas que nunca são cumpridas ou a coronhadas, se falha o primeiro expediente.

Ahi temos a genese da guerra civil interna.

Os patrões da empresa enriquecem-se á custa do trabalho dos seus empregados, e como os ambiciosos não põem expontaneamente limites á sua ambição, esta cresce com o crescimento da riqueza adquirida, galga as fronteiras que a cercam e corre a terras longinquas em busca de novas fontes de renda, onde procura matar a sêde que a mata.

Eis a guerra de conquista: conquista de mercados, conquista de territorios.

Nos tempos antigos esta guerra era feita pelos senhores de um territorio contra os senhores do outro: os escravos eram alheios á luta — olhavam indifferentes para os narizes esmurrados dos lidadores.

Hoje, os senhores são mais espertos, ou os escravos são mais toupeiros, porque já não se limitam a ser bestas de carga, tambem são carne de canhão.

E' por pensar deste modo que eu disse ao principio ser a revolução da Russia uma das preciosas consequencias desta chacina que transformou a Europa em matadouro humano.

Esta revolução, que tem a sua determinante principal no mal estar geral da população pobre, foi fomentada e alimentada no começo pela democracia financeira da Russia, de commum acordo com os alliados, depois que estes verificaram a impossibilidade de evitar as traições da Côrte Russa em favor da Allemanha.

Os democratas burguezes desejavam apenas constranger o Czar a pôr termo a essas traições; mas a revolução não parou alli e não sabemos onde parará.

Em relação á guerra ella está hoje neste pé: nem tranquiliza os alliados nem assenta as esperanças dos Imperios Centraes.

E, para nós, é assim que está bem.

Os revolucionarios, principalmente os anarquistas pozeram a questão no bom caminho, como demonstrarei em meu proximo artigo.

Helio Negro.

A falencia do Estado

Esta guerra, em virtude dos seus proprios ecessos, encaminha-se vizivelmente para um fim ilojico e absurdo. Funcção essencial do Estado, era de prever que o Estado e os valores politicos, economicos e moraes correspondentes e correlatos saissem dela fortificados. Ao contrario, porém, de todas as previzões lojicas, o que se verifica, depois de quazi tres anos de ezercicio belicozo, é a quebra irrefragavel, a falencia irremediavel, a fragoroza ruina do Estado.

Ao rebentar a conflagração e pelos mezes adiante, até hoje ainda, foram dadas como fracassadas todas as idéas e teorias internacionalistas, antimilitaristas, socializantes e antiestatais. Com efeito, a primeira impressão, verdadeira e lojica, foi de fracasso. Mas a vida é toda feita de contradições, de ilojismos e incoerencias. E assim, contra todas as espectativas, assistimos, neste instante ao fracasso do Estado e á vitoria dos principios e das idéas que lhe são opostas e que supunham ser os fracassados...

A febre de patriotismo e de nacionalismo que ajita e mundo é uma couza inteiramente literaria e declamatoria. O fato concreto, a ação pozitiva e real, que sentimos e praticamos, é a internacionalização, é a socialização universal das couzas. A produção e o consumo se acham agora, mais que nunca, submetidos a uma organização acentuadamente internacional. Ora, não ha principios politicos nem moraes que se sustentem fóra de bazes economicas. Portanto, a bazes economicas de carater internacionalista ha de forçozomente corresponderem politica e moral de carater igualmente internacionalista. Não ha por onde fujir e, em que pezo aos liricos e cabotinos de vario calibre, esta é a feição que vai tomando a sociedade humana neste momento de confuzões...

O Estado faliu. No estremo da sua evolução historica, tem que ceder o passo a novas formas de vida, a novos metodos, a novos sistemas. Prova da falencia do Estado? Patentissima: a falta de uma solução, dentro do principio estatal, para o conflito das nações. Militarmente empatada, a guerra não encontra um fim natural, que seria a derrota de um dos contendores e a vitoria do outro. A entrada de novos paizes, mesmo para um só dos grupos, não romperá o equilibrio de forças. Os Estados Unidos são uma grande potencia: lançarão mais lenha á fogueira, mas não dezequilibrarão o empate. A entrada da Italia, longamente preparada e geograficamente em melhores condições que os Estados Unidos, não adiantou absolutamente nada a favor dos aliados. A entrada da Rumania, saudada como fato decizivo, foi, como tal, um dezastre completo... Assim, pois, o que está patente é que o Estado não encontra solução para o conflito. Quer isto dizer que a solução estará fóra das razões de Estado.

O Estado faliu e o mundo entra num periodo de tremendas confuzões e dezordens. O ezemplo da Russia póde servir de espelho. O czar e a sua camarilha cairam porque, reprezentantes maximos de um principio falido, não tinham onde apoiar-se para rezistir á onda inezoravel de novos principios vitaes em plena eclozão. Como a monarquia moscovita, hão de cair as monarquias da Alemanha, da Austria, da Italia, da Inglaterra, como a aristocratica republica franceza e todas as demais quadrilhas governantes da Europa e do resto do mundo. E' só questão de algum tempo. Umas resistirão mais que outras, mas acabarão: todas no mesmo entulho das velharias historicas e podres. Inclusive, é claro, esta nossa inefavel engenhoca democratica atualmente feitoreada pelo eminente zebroide sr. Wenceslau Braz Pereira Gomes dos Anzoes Carapuça...

Astrojildo Pereira.

"A Plebe" é a continuação d' "A Lanterna"

Conforme explicamos em nosso numero anterior, A PLEBE é a continuação d' A LANTERNA, razão pela qual não ha solução de continuidade entre a administração de um e outro jornal.

A todos os antigos amigos e assignantes estamos remettendo A PLEBE, creditando as respectivas importancias a todos que tinham as suas assignaturas pagas.

Todos aquelles que estão em debito com o jornal bem fariam se remettessem as importancias devidas.

Devemos dizer que, embora A PLEBE não deixe de atacar o clericarismo como parte integrante da sociedade burgueza, A LANTERNA continuará a apparecer eventualmente com o seu caracter anti-clerical especiallizado, para, por meio de subscripção voluntaria, ser distribuida em pacotes.

O seu primeiro numero sahirá logo que tenhamos definitivamente organizado o trabalho administrativo d'A PLEBE.

Sem os servis não haveria instrumentos da tyrannia.

J. Sergi.

O horrivel desastre do Rio

Comicio de protesto no Braz

Querendo secundar aqui a manifestação de protesto do proletariado carioca contra a conducta criminosa da burguezia que, com a sua insaciavel ganancia, provoca os desastres horriveis, como o do Rio, a Liga Operaria da Mooca promoveu um comicio no domingo, realizando-se elle á noite, no largo da Concordia, com numerosa concorrencia.

Varios companheiros fizeram uso da palavra estygmatisando a acção infame dos argentarios e concitando os trabalhadores á luta activa e decidida contra os ladrões e tyrannos do povo.

Instantaneos

I

Recostado num luxuoso automovel passa pela rua 15 o commendador Fulano.

A' porta da Banca Franceza e Italiana cem cabeças se descobrem, cumprimentando-o.

E depois, murmuram cem boccas:

— Aquelle orgulhoso *parvenu* eu o conheci como simples empregado de armazem.

— Eu, atalha outro, conheci-lhe a esposa quando tirava penicos, como criada de hotel.

— Mas o que vocês não sabem, exclama outro, é como elle fez os primeiros contos de réis.

— Grande novidade! — diz um outro, falsificador de vinhos.

Não ha quem ignore que elle roubava os patrões.

E, assim, continuaram as conversas.

O riquissimo commendador, homem respeitado, só porque tem dinheiro, era atassalhado cruelmente por aquelles que o haviam respeitosamente saudado.

— Bem dizia Santo Antonio que o rico é um ladrão, exclamava, finalmente, um padre italiano, conhecido pela *modicidade* dos juros que cobra aos desgraçados que lhe cahem nas unhas.

Passava pelo grupo, nesse momento, conhecido advogado que empresta dinheiro a 10 por cento ao mez, e acreditando que era uma das suas victimas que fallava, murmurou uma supplica, allegando que si cobrava taes juros era porque os necessitados se sujeitavam gostosamente a essa taxa.

A rapacidade e covardia da sociedade burgueza estavam estereotypadas.

Passava radiante, como um triumphador feliz, no seu automovel, o burguez que se enriquecera á custa de ladroeiras, e que todos cortejavam, mendigando um aceno amistoso dos seus dedos...

O millionario, typo perfeito e acabado do ladrão legal, despresava-os.

Sabia que dos labios daquelles invejosos, que não sabiam como elle a arte de ganhar dinheiro, partiriam as allusões ao seu passado de João Ninguem, que almoçava e jantava com 1$000 por dia e se casara com uma criada de servir.

Que lhe importavam aquelles conceitos.

Tinha dinheiro, muito dinheiro! Quanto ao passado não ligava importancia.

A ignominia, pensava com Hugo, tem sêde de consideração.

Não era elle considerado?

Quem ousaria lembrar-lhe os tempos idos?

Estupidos, pensava ainda, são os que se submettem aos principios da honra e são honestos; morrem á fome e ninguem lhes liga importancia.

O dinheiro faz esquecer todas as mazellas passadas.

Quando quizesse, teria á sua meza, como convivas num banquete, o presidente do Estado, o Prefeito, senadores, deputados, juizes, enfim, toda a gente de representação social.

E todos só pensarão que sou rico e moro num palacio.

O commendador Fulano não é o unico existente em São Paulo. Outros ha tão bons como elle, como elle triumphadores na luta pela vida, pelos mesmos, ou por outros meios, tambem deshonestos.

A moral da epoca, entretanto, não os condemna. Ella reserva as suas censuras e as penas dos seus codigos ao desgraçado que furta um pão!

Granja Filho.

«A Plebe» em Bello Horizonte

Vende-se na casa dos srs. Giacomo Aluotto & Irmão, á rua da Bahia, 986.

Gazetilha de Satan

Um amigo confiou-me o que segue, copia de uma carta enviada para o extrangeiro.

«Meu caro redactor.

Consinto em enviar-lhe algumas notas sobre a individualidade do sr. dr. Ruy Barboza. Confessarei, entretanto, que accedo ao seu pedido com algum temor e porque você me assegura que estas notas vão ser enviadas para a Russia e ahi publicadas na lingua deste paiz. O russo, no Brazil, é, por emquanto, um idioma sufficientemente desconhecido para que eu receie ver as minhas notas reproduzidas em vernaculo, na imprensa daqui.

De outra maneira, se não fosse esta feliz circumstancia do idioma, a minha recusa ao seu pedido seria formal e irrevogavel. Porque? Porque o sr. dr. Ruy Barboza é pessoa que aqui ninguem mais discute e sobre a qual não ha, em todo o paiz, duas opiniões divergentes. Discutil-o e na discussão por em duvida a sua grandeza, é heroicidade demasiada para um cidadão desta republica.

Pode o cidadão divergir no seu intimo, no fundo de si mesmo, mas affirmar esta divergencia, trazer esta divergencia a publico, proclamal-a numa tribuna ou escrevel-a numa gazeta, é aventura que não seduz.

Ao audacioso que uma tal emproza attrahisse, o menos que lhe podia succeder era a lapidação pura e simples no meio de uma praça.

Já você comprehende, meu caro redactor, a gravidade e delicadeza da minha situação, enviando-lhe estas notas. Peço, pois, para ellas toda a reserva e uma publicidade o mais possivel restrita. São Paulo não é Londres nem Pariz, e um nome, mesmo obscuro e desconhecido, não é difficil de descobrir. Cautela, pois, caro amigo e redactor.

Explicar a origem e evolução da popularidade politica do sr. Ruy Barboza não é tarefa bastante simples para a minha limitada competencia. Creio, todavia, que essa popularidade é anterior á republica, a republica consolidou-a e hoje é pedra e cal em todo o paiz. Como, é o que não é facil responder. Ninguem, no Brazil, explicaria satisfactoriamente essa popularidade. E sabe você porque? Porque o sr. Ruy Barboza, entre todos os politicos brazileiros, é talvez o menos habil e o mais nocivo dos politicos. De resto, elle nunca foi propriamente um politico, mas mais exactamente e rigorosamente um politiqueiro. Você sabe como alli, na Europa, costuma proceder esta classe de individuos. Abrem fogo no parlamento ou na imprensa contra o governo que está, dizem os crimes, denunciam as negociatas, chamam de ladrão ao ministro A ou o ministro B, e o resultado é que este governo vem para baixo, para que o outro, que não é menos ladrão que o que sahe, tenha possibilidade de ir para cima. E' o que pittorescamente e com o descaro que os caracteriza, os mesmos politicos chamam «rotativismo». Em seguida, o sujeito que abriu campanha contra o governo decahido é muito felicitado, de todo o paiz chovem sobre elle as cartas e os telegrammas e raro será aquelle que o não chame de salvador. Entretanto, os politicos, que tambem cumprimentaram o politiqueiro e o chamaram tambem de salvador, vão astutamente galgando o poder, geitosamente installando-se nelle, emquanto o politiqueiro, embaixo, gosa babosamente o successo, certo de que o irão buscar. Quando depois se desillude é tarde, e não lhe ficaria bem romper desde logo com aquelles que elle proprio ajudara a subir. Sente o ridiculo, mas cala-se.

E' isto, pouco mais ou menos, o sr. Ruy Barboza, com a differença, adversa para elle, de que aqui não ha rotativismo, pela simples razão de que não ha parlamentarismo.

A popularidade, pois, do sr. Ruy Barboza não pode provir da politica, sabido como é que, como politico, a sua acção no poder foi curta, e sendo curta, foi má. Basta que eu diga ao meu caro redactor que tendo sido o sr. Ruy Barboza, segundo creio, ministro da Fazenda, não se sabe como nem porquê, os seus contemporaneos e contemporaneos tambem desta infeliz gestão, affirmam que só o recordar a aventura os enche de invencivel pavor! Ao que parece, graves coisas succederam então, e a fazenda, muito reduzida, foi-lhe precipitadamente arrebatada.

Não provindo da sua acção como politico a popularidade do sr. Barboza, de onde poderá ella provir?

Essa popularidade, benevolo amigo, provem muito simplesmente e muito naturalmente desta coisa unica e simples: a sua tagarelice. Sim, a sua tagarelice. O sr. Ruy Barboza é,

Mundo Operario

ACÇÃO OBREIRA

Succedem-se as greves

SOLIDARIEDADE E ENTHUSIASMO

Os Tecelões

Na fabrica Rodolpho Crespi

Cerca de 400 operarios da fabrica de tecidos Rodolpho Crespi, situada no bairro da Moóca, declararam-se em gréve reclamando um pequeno augmento de salario e a abolição do trabalho nocturno pelas turmas de operarios que trabalham de dia.

Não contente o explorador Crespi com fazer os operarios trabalhar umas 13 horas diarias, quando na Russia os trabalhadores já conquistaram a jornada de 6, pretendeu acabar, de repente, com a vida dos que produzem para elle, obrigando-os a trabalhar tambem de noite, até ás 23 ou 24 horas.

Os operarios, como é natural, negaram-se a obedecer a estupida e proterva ordem do burguez e abandonaram o trabalho.

Assistimos a algumas assembléas dos grévistas, podendo constatar que estão possuidos do maior enthusiasmo e decididos a persistir na gréve, provocada pelo patrão, até que este resolva acceitar as condições que exigem para voltar ao trabalho.

Na Comp. de Industrias Textis da Moóca

Os operarios desta fabrica acham-se, ha alguns dias, em gréve, tendo apresentado ao proprietario uma tabella de salarios muito modesta, mas que o proprietario não acceitou porque, segundo elle mesmo affirma, o operario não deve pedir nem exigir nada, deve apenas trabalhar e trabalhar sempre, para que o patrão ganhe dinheiro, muito dinheiro.

E' de esperar que os operarios tecelões em geral sajam solidarios com os grevistas, não acceitando trabalho nesse ergastulo de exploração, emquanto o movimento não terminar pelo mais completo triumpho.

Os canteiros

Em S. Paulo, Ribeirão Pires, Cotia e Itaquera

Em todas essas localidades continúa a gréve geralizada dos canteiros, os quaes, como já noticiámos, exigem augmento de salario, para poderem attender á sua manutenção, pois o que vinham ganhando era absolutamente insufficiente, e cada dia se tornava mais escasso ante o augmento constante dos preços dos generos de primeira necessidade.

Os proprietarios das pedreiras dentre os quaes se destaca o sr. Ferrari, entenderam que os operarios podem trabalhar sem comer, e por isso fazem contractos baratissimos contando de antemão com os fabulosos lucros que hão de tirar, obrigando os operarios a trabalhar quasi de graça, e impondo-lhes a compra dos generos deteriorados, a preços exhorbitantes.

O operario que se nega a realizar as suas compras no armazem do patrão é despedido do trabalho.

Por estes factos deve-se avaliar as razões que obrigaram os operarios a abandonar o trabalho.

No domingo, 10 do corrente, os grevistas de Ribeirão Pires realizaram um comicio em commemoração do anniversario da fundação do Syndicato, tendo fallado varios camaradas sobre as causas do movimento grevista, sobre a criminosa exploração patronal, encorajando os operarios a continuar com tenacidade o seu movimento de reivindicação.

Outros companheiros fallaram tambem sobre os diversos problemas operarios e sociaes, terminando o comicio no meio do maior enthusiasmo dos assistentes.

Liga Operaria da Moóca

Esta associação vae em franca prosperidade, pois durante estes ultimos dias recebeu a adhesão de mais de 600 operarios de ambos os sexos.

Este facto demonstra que a classe operaria se preoccupa das suas reivindicações, e não espera senão de seus proprios esforços o seu direito á subsistencia e á liberdade.

A sua séde acha-se installada em um amplo local, á rua da Moóca, 292-B, onde sempre se encontram reunidos numerosos operarios, que discutem com interesse e calor as questões operarias e sociaes.

Liga Operaria do Belemzinho

Proseguem com actividade os trabalhos de organização do operariado desse bairro.

Por estes dias a séde desta entidade será inaugurada num amplo local que está sendo reformado para esse fim.

Em S. Caetano

O Syndicato dos Laminadores em actividade

Em S. Caetano o movimento operario vae acentuando-se progressivamente, pela actividade dos camaradas que constituem o Syndicato dos Laminadores.

Já passa de 100 o numero de associados, e todos os dias se inscrevem novos adherentes.

Os chapeleiros

A classe dos chapeleiros, já, em outros tempos, bastante traquejada na luta associativa, após um periodo de apathia, reconstituiu, ha mezes, a União dos Chapeleiros, que tem realizado varias reuniões, tendo tambem promovido uma festa no Salão Celso Garcia.

Já foi distribuido o primeiro numero da nova phase d'*O Chapeleiro*, orgam da associação.

Folgando com esse despertar dos trabalhadores das fabricas de chapéus, fazemos votos para que a U. dos C., inspirando-se nos amplos principios sociaes que animam o operariado consciente de toda a parte, preste o seu concurso activo á obra necessaria e urgente da organização do proletariado de S. Paulo, agora em quasi completo abandono.

O corporativismo da União dos Canteiros

Entre os canteiros que aqui trabalham tem ultimamente sido objecto de debate a orientação estreitamente corporativista nos ultimos tempos dominante na União dos Canteiros, uma das velhas sociedades de resistencia dos trabalhadores desta cidade.

De facto, a antiga associação tinha, de ha tempos a esta parte, procedimentos nada consentaneos com os verdadeiros fins da organização obreira de luta social.

Submettendo associados a julgamentos, impondo-lhes multas e suspensões do trabalho, despreoccupando-se inteiramente do movimento tendente á conquista da completa emancipação da classe trabalhadora do jugo da burguezia, a União dos Canteiros divorciou-se do legitimo objectivo do syndicato obreiro.

Reagindo contra essa má orientação surgiram alguns de seus associados, que já tratam de dar vida ao Syndicato de Resistencia dos Canteiros.

E' uma iniciativa que merecerá franco apoio, se não fôr possivel pôr no bom caminho a União, agora em via de reorganisação.

Syndicato Graphico

Os trabalhadores graphicos, que outrora sustentavam uma forte associação, mantêm agora o Syndicato Graphico.

Parece-nos que a excessiva preoccupação do respeito á neutralidade syndical prejudique o seu desenvolvimento.

Os tempos que correm não comportam hesitações nem meias medidas.

ALERTA!

O MOVIMENTO OPERARIO E A POLICIA

Como consequencia natural do horrivel regimen de miseria a que, pela acção infamissima dos argentarios, foi arrastada a classe trabalhadora, as gréves começam a manifestar-se, succedendo-se umas ás outras com uma sequencia que denuncia chocantemente a gravidade da situação.

E' um phenomeno social esperado por todos aquelles que vêm acompanhando, dia a dia, a obra criminosa dos açambarcadores e dos industriaes, que, aproveitando-se das circumstancias embaraçosas creadas pela guerra, têm apertado, de maneira revoltante, o torniquete de sua exploração.

Nada mais natural, nada mais logico, mais humano, portanto, que as victimas de um tal estado de coisas reajam e reclamem melhorias.

Assim procedendo, deffendem o seu direito á vida.

A policia, porém, assim não entende e, sob pretextos varios e cada qual o mais insustentavel, está exercendo pressão sobre os operarios que se declaram em gréve, praticando contra elles as suas violencias costumeiras e iniciando contra os militantes do nosso movimento uma obra odiosa de diffamação com o intuito evidente de os desmoralizar e exercer contra elles uma feroz perseguição.

Baldados, portanto, serão os seus esforços, pois desde já denunciamos o seu velhaco plano á opinião publica.

Numa acção odiosa de sapa, a policia está attribuindo aos anarchistas a autoria de factos que são consequentes das podridões da purulenta sociedade actual.

Esteja, pois, o povo álerta, repellindo toda e qualquer apreciação menos digna feita aos libertarios. Esse é um recurso infame de que se tem servido a policia de outros paizes.

«A Plebe» em Santos

Está á venda na agencia de jornaes do sr. José de Paiva Magalhães, á rua Santo Antonio.

A PALHAÇADA DE DOMINGO

O protesto d' "A Plebe"

A rançosa gente das sacristias poz, domingo, o seu carnaval na rua. Foi coisa *au grand complet*. Os clubs e cordões existentes na Paulicéa tomaram parte na grotesca passeata, que foi realizada com todos os seus matadores.

O centro da cidade esteve, durante bastante tempo, á mercê da corja negra. O trafico dos bondes foi paralysado e as ruas ficaram cobertas de folhagens, para dar depois um trabalhão aos operarios da Limpeza Publica.

No largo da Sé, bem em frente á essa barricada, foi erguido um altar, onde o ultimo acto da farça foi solennemente representado.

Como um protesto contra essa extemporanea visita de Momo procedemos á collocação da taboleta d' "*A Plebe*" na fachada de nossa redacção, justamente quando o chefe-mór do bando levantava, no altar, por entre nuvens de insenso, um crucifixo do Christo que bons cobres lhes rende.

Queremos Deus para nosso pae,
Queremos Deus para nosso rei.

Emquanto aquella massa imbecilizada assim cantava, dando uma demonstração da sua deploravel subserviencia, na janella da redacção d'*A Plebe* o rubro pendão subversivo, desfraldado ao vento, evidenciava o protesto da geração nova que trabalha para conduzir o nosso povo á sua emancipação.

Nós e a guerra

Relativamente ás suspeitas de germanismo que, segundo dizem, correm contra este jornal e alguns dos seus collaboradores, chamamos a attenção do povo em geral para o manifesto ha tempos publicado pela Alliança Anarquista, que será inserido no nosso proximo numero. Nos termos daquelle manifesto está contido todo o nosso pensamento e o dos nossos collaboradores sobre a guerra, suas causas e culpas que nella têm os dirigentes de um e outro grupo de belligerantes.

«A Plebe» em Ribeirão Preto

Acha-se á venda na Livraria Sélles, na Amador Bueno.

NATHANAEL PEREIRA

HORA PROPICIA

> *"Diante de certas acções praticadas pelo homem dá vergonha á gente de pertencer á familia desse animal".*
>
> M. C. de Paula Teixeira

> *"Até bem pouco tempo eu supunha que o meu semelhante fosse muito melhor do que é".*

Deus lhe pague...

> *"Não saiba a tua esquerda o que fez a tua direita".*
>
> Jesus Christo.

A esmola que te dão, recebe-a, miseravel, que neste momento *sui-generis* da historia da terra te vês com as mãos vasias, com o corpo nú e tendo o céu por tecto... recebe-a e murmura numa surdina de prece, comovidamente grato: — «Deus lhe pague, meu rico e bondoso senhor!...»

Ella é a mitigadora da fome na dura emergencia em que te vês de morrer á mingoa; é a codea de pão que as tuas mãos callosas do trabalho que até agora tiveste, mas que ora te falta, podem levar para a tua mulher, para teus filhos, porque não n'a roubas, mas a recebes, por misericordia, das mãos de seda dos teus maiores, para os quaes ella sobra, e dos quaes a tua indigencia dilacera a alma.

O regimen humano é o regimen da fraternidade, e a fraternidade é essa esmola que a munificencia dos grandes te atira ao lar sem pão. Recebe-a e reza, agradecendo. Não busques indagar si ella é justa; não penses um momento siquer que a esmola deprime, que a caridade avilta. Raciocinar nestes transes difficilimos da vida mundial é impertinencia, é ingratidão...

Foste tu que, com o suor do teu rosto e a insufficiencia dos teus prazeres ligitimos e até do teu pão, amontoaste os thesouros que as sete chaves da usura fecham neste instante?... A grandeza e a abastança dos poderosos da terra, a superfluidade de que elles gosam é um producto do teu constante labutar, de tudo o que para ti é carecente?... Não haveria um só desses poderosos, ou serias tu tão poderoso como elles si a astucia dos inuteis, a força dos corsarios não lograsse triumphar da bôa-fé e da ingenuidade dos trabalhadores?

O pão que te dão, muito pouco para as tuas necessidades, é feito com o trigo que o teu alfange ceifou, que moeste, mas que o ouro dos capitalistas monopolizou para que não possas comel-o á farta?... Esses trapos que te destribuem são os restos esfarrapados das sedas e das casimiras que já se ostentaram nos festins e nas orgias, nos corpos aprumados dos elegantes e das *leôas*, emquanto as tuas filhas e a tua mulher, dobradas sobre os teares, moiam-se de canceira para fazer-lhes novos padrões?... Esse palacio magestoso, illuminado a tantas cores, como os palacios de fada de que nos falam as «Mil e uma noites» e cujo plano está tão bem executado não foi acaso feito por tuas mãos?... Não foste tu que cavaste a terra para ir metter-lhe nas entranhas o concreto sobre que elle repousa solidamente e que andaste guindado lá pelas alturas de suas cimalhas e de seus zimborios, resplandecentes ao sol e á lua? Não foste tu que fundiste o bronze dessas estatuas allegoricas e que as vinculaste á argamassa das paredes?... Não foste tu que na festa inaugural deste monumento, vestindo ainda a blusa empoeirada da caliça com que travaste o granito do seu arcabouço, ou manchada com a tinta das suas pinturas, viste chegar as carruagens dos magnatas e da fidalguia, vestida no grande tom, calçando luvas, emquanto a policia, na sua longa sobrecasaca de dragonas e alamares brancos, te mantinha a distancia respeitavel, no meio do poviléo curioso que não tem nem nome, nem dinheiro para assistir ás sumptuosidades das inaugurações carissimas?...

Mas não, não raciocines, porque agora mesmo, ahi nesse palacio, ha uma festa de caridade. A esbelteza das moças aristocraticas, realçada pela simplicidade das roupas modestas, despidas das suas joias, que numa festa pela miseria alardeariam superabundancia, casa-se magnificamente, lá dentro, ao desprendimento masculino que paga por uma chicara de chá dezenas, centenas de mil réis. Anda, lá por dentro, a orgia da generosidade dos homens captando as boas graças das mulheres e estusia a phrase de espirito ao lado da confissão de amor apenas murmurada...

Tudo isso é por ti, para mitigar a tua fome, para cobrir a tua nudez, para curar as tuas enfermidades, porque o capital de alguns travou os teus braços, para que elles não produzam; ou, então, porque esse mesmo capital açambarca o que ainda produzes, afim de que uma parte vá apodrecer nos celeiros commerciaes, emquanto a outra quintuplica de preço, deixando-te exposto á indigencia...

Mas não philosophes! a hora é de gratidão para com os teus patrões que te dispensaram, ou te reduziram a dois dias de trabalho e a cinco de jejum; a hora é de gratidão para com os grandes do governo, que, preocupados com a tua situação melindrosa, procuram rodear-te de todo o conforto e de toda a protecção, cortando, nas secretarias, cincoenta por cento dos empregados subalternos, reduzindo os ordenados aos de menor gráu, diminuindo dessarte a despeza publica, para que tenhas mais...

Não philosophes, não, homem do trabalho, protegido dos governos, tutelado das leis que promanam da justiça e cuja execução a força bruta das armas militares assegura; não philosophes, não raciocines e fica por ahi, assentado no marmore desses degraos palacianos; vai para a sahida dos jardins, nos quaes se realizam as luxuosas kermesses em beneficio da pobreza sem pão, ou para os saguões dos mosteiros piedosos, e recebe a esmola que te offerecem, tu, homem valido, que no trabalho honesto tanto mourejaste para mal comer e que agora te rebaixas a ser mendigo!... Vai recebel-a á porta dos grandes theatros, á sahida dos parques, nas redacções dos jornaes mercantilizados; vai acceital-a por toda á parte onde t'a offerecerem, aviltando-te a receber, por esmola o que produziste, porque o ouro e o Estado são estereis, vivendo agora da superabundancia de que lhe dotaste os depositos... Mas, ao voltar as costas ao teu caritativo bemfeitor, não te esqueças de dizer-lhe: "Deus lhe pague, meu rico senhor...", que é para que todo o mundo saiba a quem tu agradeces o obulo que te cai nas mãos.

«A Plebe» em Cataguazes

E' encontrada na Agencia do sr. Penelon Barbosa.

O crime social de Buenos-Aires

Os anarchistas de Buenos-Aires promoveram uma manifestação contra os esfomeadores do povo. A policia, que em toda a parte é a fiel guarda-costas dos potentados, interveiu e, como a sua missão essencial é praticar a violencia, atacou os manifestantes, ferindo varios e matando um.

Foi a repetição do crime praticado ha annos por ordem de Falcon, que pouco tempo depois teve a sorte de suas victimas.

A violencia provoca a violencia e, por isso, não deverá causar sorpresa que, mais dias menos dia, o delicto social de agora tenha a sua consequencia logica.

entre todos os politicos deste paiz, aquelle que maiores discursos faz. E esta é precisamente a virtude primacial de sua ex.ª O tamanho destes discursos e o espaço que elles occupam nos jornaes ultrapassa todos os limites da nossa concepção. E creia o meu amigo que os jornaes brazileiros, entre os jornaes do universo, são talvez os de maiores e mais amplas dimensões. Pois destes jornaes, grandes como lençoes, o sr. Ruy Barboza, cada discurso seu toma regularmente de tres a quatro páginas! E' assombroso e sem egual!

Mas note bem o meu amigo. Não vá por uma illusão fatal, informar erroneamente os leitores da revista russa. Não é tanto pela essencia das suas peças oratorias, mas sobretudo pelo tamanho e continuidade dellas que se gerou e conserva a popularidade do sr. Ruy. Affirmar o contrario, seria affirmar sem justiça e sem verdade, e a verdade, inteira e absoluta, é o que, no instante em que lhe escrevo, domina todo o meu pensamento.

O sr. Ruy Barboza, meu caro redactor, não é nem um philosopho, nem um moralista, nem um reformador. Até hoje, desde que falla e escreve, nunca produziu, que eu saiba, uma idéa original, nem concebeu uma reforma util, nem proclamou um alto principio de justiça. Precisarei a feição intellectual de sua ex.ª dizendo que o seu conceito sobre o universo e a vida está circumscripto á biblia e aos dictames da egreja catholica e romana. E', emfim, como pensamento e acção, um homem como tantos outros, como tantos outros, mediano de genio e inspiração, mas mais que outros — oh, muito mais! — vaidoso.

A vaidade, porém, do sr. Ruy Barboza nem todos a conhecem. Conhecem-na, todavia, com toda a exactidão e minucia os seus adversarios politicos e a imprensa. A imprensa, sobretudo, E' uma vaidade sem fim e sem fundo, insaciavel, incontentavel. A esta vaidade deve sua ex.ª a sua ruina politica e a sua grande, immensa popularidade. E' extranho, mas é assim.

A vaidade conduziu o sr. Ruy Barboza á tagarelice, a tagarelice ao discurso de quatro horas, o discurso aos elogios da imprensa, e esta de novo á tagarelice. Repito: foi a vaidade que politicamente perdeu sua ex.ª

Os seus inimigos, os seus adversarios constantemente exploram esta incommensuravel vaidade. Basta que o sr. Ruy Barboza pense seriamente em falar, examinar um acto do governo ou a conducta de um ministro. Immediatamente surgirá para sua ex.ª uma missão qualquer no extrangeiro. O governo declara precisar dos seus serviços, neste ou naquelle paiz, em tal ou qual solennidade.

Sua ex.ª aceita, e o governo e a imprensa vêem-se por um momento libertos do temivel palrador. Assim succedeu quando o mandaram a Haya, assim succedeu quando o enviaram á Argentina, assim occorreu tambem quando o mandaram a outras partes.

Ultimamente, sua ex.ª devia ir á America do Norte. Devia ir á America do Norte ou a qualquer outro paiz longinquo, a França, por exemplo. O governo precisava indicar o seu sucessor, o sr. presidente da republica ia nomear o seu substituto e não convinha que o sr. Ruy Barboza aqui estivesse, não que o governo receie a sua influencia, o seu prestigio de politiqueiro, mas porque era incommodo e desagradavel ouvir a sua tagarelice em tal momento. Por isso, offerecia-lhe uma embaixada especial nos Estados Unidos, onde devia tratar com o governo deste paiz assumptos que segundo diziam, se relacionavam com a entrada do Brazil na guerra. Como sempre, o governo do Brazil declarou indispensavel mais este serviço de sua ex.ª. Desta vez, porem, sua ex.ª recusou. Immediatamente não era possivel partir.

O sr. Ruy Barboza recusou, desta vez, tão patriotica missão porque sua ex.ª é velho candidato á presidencia da republica e, assim sendo, deixar o paiz em tal momento, quando o seu nome podia ser repentinamente suffragado, era demasiada imprudencia para tantos e tão largos annos de luctas e vãs aspirações.

Esta carta já vae longa. Reconheço agora que estas notas vão ficar incompletas. O sr. Ruy Barboza não pode ser tratado nas curtas paginas de uma carta Será preciso outra e, talvez, uma terceira. Espero poder mandar-lh'as. Por agora darei apenas um ultimo traço de sua ex.ª. Sua ex.ª contribuiu para que este paiz abandonasse a neutralidade. O sr. Ruy Barboza é presidente da Liga Brasileira pelos Alliados. Acceitou a presidencia desta liga quando suppoz que o Brazil queria a guerra e como elle, na liga, a propagava, suppoz tambem que o ideal para o seu paiz era collocal-o a elle, orador e guerreiro, na presidencia deste paiz.

Escusado será dizer que as previsões de sua ex.ª deixaram de se cumprir uma vez mais.

Sou affeiçoado admirador. — *Damião Telles*».

Roberto Feijó

CONTOS DA GUERRA

O Filho

A velha tinha um filho. Um moço espadaudo e sorumbatico, esfarrapado, descalço e torvo. Nunca trabalhára. Era a mãe, a velha hirsuta e farrapeirona quem o sustentava. Logo de manhã viam-na, com o seu gancho, rebuscar todos os caixotes, todas as valetas, a flôr de todas as vazas. Viam-na nos outorros, viam-na nos bodes, furando, empurrando, ameaçadora, resmungona, insaciada. Era má, dizia-se. Parecia um farrapo de gente, e todos na vizinhança a conheciam pela "Velha". Amigos não tinha, não se dava com alguem e os conlúios linguareiros da vizinhança encontravam a sua bocca e a sua porta fechadas. Era egoista, a velha. Queriam uns que ella fosse ladra. No pateo dividiam-se as opiniões, que não falavam alto porque a catadura feroz do filho intimidava os mais ousados, que até de morte o julgavam capaz. Fosse como fosse a velha e o filho viviam juntos e davam-se admiravelmente.

Ella, a farrapeirona mysteriosa e cheia de rancor. Elle, o aciganado malandro, abraçava-lhe a cabeça branca e tinha-lhe um amor cego e violento. Viviam um para o outro, ambos amigos, ambos ferozes.

—

Fôra bonita a velha, e como tivera coração, amara. O homem morrera-lhe esfaqueado e ella, limpando as lagrimas, transferira para o filho pequenito, que dormia dentro de uma canastra, todo o dedicado amor que lhe tinha. Então, comeu fartamente o pão que o Diabo amassou, e sempre com o filho agarrado, correu todos os recantos da cidade enorme e egoista. Por elle se prostituiu, por elle roubou, por elle soffreu. Elle foi crescendo, crescendo, fez-se homem. Desabrochou na lamina, á chuva, ao vento, á neve, ao frio, á tempestade. E agora elle, quando alguem se approximava da mãe, rosnava como um cão de guarda e tinha o aspecto da loba a quem querem tocar nos filhos. Ella não via outra coisa. Bom, são, amado, fiel, forte e grande como o seu filho não havia outro. Entendiam-se, batiam juntos sem cansaço aquelles dois corações.

—

Um bello dia vieram-lhe buscar o filho para militar. Ella rugiu, chorou, rojou-se, implorou, bateu, mas não conseguiu nada. Uns homens sem alma levaram-lhe o filho e ella ficou só. Naquella noite não accendeu luz e os vizinhos que tinham visto levar o vadio vieram espreitar se ella choraria, para festejarem o acto com vaias e remoques. Mas não. A velha não chorava. No outro dia, o gancho não revolveu o ventre dos caixotes e das sargetas.

Julgaram que a velha morrera. Opinavam uns que se devia arrombar a porta, outros que não, até que um que trepou ao telhado a viu acocorada, viva, mais inobil. E a velha, entre o odio da vizinhança, embranqueceu mais, tornou-se mais repelente, mais sinistra. Dentro della, porém, o seu coração batia ansiosamente. Esperava impacientemente a volta do filho, do filho que era toda a sua alma, do filho que era toda a sua vida, e por quem se prostituira, batera, lutara, roubara, soffrera . . .

—

O filho não voltou e um belo dia um vizinho disse-lhe que elle morrera na guerra. Dissera-lhe esta noticia a rir, com infito odio, comprazendo-se em rasgar o coração da velha bruxa. Ella empedernira. Depois uivara. E alta noite, sonambulica, atordoou o pateo bradando pelo filho. A guerra? Mas que fizera elle para o matarem? Que fizera? Morrera pela Patria, fôra um herôe, dissera-lhe alguem compadecido de sua dôr. Pela Patria? Mas elle não tinha Patria. O frio, a chuva, o vento e a lama são de toda a parte. A fome é de todos os paizes. Não. Roubaram-lhe o filho. Que tinha elle com a Patria? Que demonio lhe importava que os seus trapos fossem roxos ou azues? Elle, o maltrapilho, não tinha dinheiro, nem terras, nem gados, nem adegas a defender. A Patria? ¡Mas o que tinha a Patria com elle. Acaso todo o soffrimento em que elle fôra criado, pelas intemperies que lhe concedera ella exigira agora todo o seu sangue, toda a sua vida? Mas isso era o absurdo. O seu filho era seu, só seu. Fôra ella que o criara com o seu leite, quem o acouchegara ao seu calor, quem ganhava as suas sopas. A Patria? A Guerra? Mas o que tinham que ver com o seu amor, essas duas megeras?

—

Envelheceu mais, sordida, esqueletica, miseravel. Odiou, odeia sinistramente. Pede a toda a gente o seu filho, enternecida, cora e soluça. Dentro daquella cabeça ha o inferno. E como ninguem lhe pode dar o vadio que uma bala levou, praguejá, blasfema, insulta. Tem olhares fulminantes, gestos de harpia. E quando nas noites de inverno a chuva cai, o vento sacode as arvores, as luzes e os predios, e a tempestade gargalha e luta, a velha vem pelle, uivando, aos elementos em furia o seu filho. Ao vento, á chuva, á rajada, seus velhos companheiros, que lhe restituam o filho amado. Enrouquece e a sua voz rouca tem qualquer coisa de sinistro. Depois como os elementos permanecem insensiveis, ella, desolada, tiritando, cala-se e sente uivar na negridão da noite o seu coração que, como um animal feroz, revolve e estraçalha a saudade do filho que lhe roubaram . . .

Albino Forjaz de Sampaio.

Correio plebeu

Nictheroy — André Ribeiro: Recebida sua carta communicando a entrega de dinheiro ao Macedo. Muito proveitosa a distribuição de boletins de propaganda feita pelos camaradas dahi.

Itauna — A. Dornas: Continuaremos a remetter-lhe *A Plebe*, que é continuação d'*A Lanterna*.

Nova Odessa — H. Jankonit: Seguem alguns exemplares do manifesto. Começámos a remetter-lhe *A Plebe*.

Novo Horizonte — J. C. de Campos: Em substituição á *A Lanterna* receberá *A Plebe*. Vamos conseguir-lhe a lista dos livros. Recebida a importancia de um semestre.

S. Paulo—F. O.: Folgamos em sabel-o aqui. O seu artigo foi publicado no ultimo numero d' *A Lanterna*.

Cataguazes. — J. Schettini: A resposta ao seu postal recebeu com o 1.o numero d'*A Plebe*, que substitue *A Lanterna*.

Açudes — Bento: Que os tres kilos de carne agregadas á tua *beatifica* pessoa não te empanem a inspiração. E os *Canterios*? Os plebeus te saudam.

S. José do Rio Pardo — O. Rocha: — Foi iniciada a remessa desde o primeiro numero. Saudações.

Serra Negra — J. B. Galvão: Mudificamos a direcção, para a qual está sendo expedida *A Plebe*. Vamos remetter-lhe os enveloppes.

Campinas — A. L. de Oliveira: Como vê, estamos de novo na brecha. Num dos proximos numeros iniciaremos a publicação da lista dos livros e folhetos.

Presidente Penna. — M. Blanco: Com as mudanças e a interrupção do apparecimento do jornal, anormalizou-se o nosso trabalho administrativo, razão pela qual só agora satisfaremos seu pedido.

Notas simples

Inicio hoje minha valiosa collaboração neste jornal. Digo valiosa e peço aos meus amaveis leitores o obsequio de não verem neste adjectivo o menor visumbre de immodestia. E' praxe antiga elogiarem-se os novatos que apparecem no mundo das letras, e eu, como não tenho quem me elogie ou me apresente ao publico instruido, começo por me elogiar a mim mesmo, não me esquecendo tambem de fazer outro tanto nos meus intelligentes leitores.

Ignoro se os senhores sabem haver individuos que teem o habito de elogiar-se a si mesmo, sem terem, porém, a franqueza de assignar o nome no fim do que escrevem. O publico que não conhece certas particularidades da grande imprensa, ignora que muitas vezes o elogio é feito pelo proprio elogiado . . .

Ha outros que, quando não podem ser elogiados, gostam de ser photographados. Os meus caros leitores já os terão visto muitas vezes em jornaes e em revistas de grande circulação, especialmente nestas. Apparecem em varios grupos, em varias posições, aqui estão no gabinete de trabalho, cercado dos «mestres mudos», como diria o padre Antonio Vieira, de saudosa memoria; ali «fazendo» a rua 15, vendo o «desfilar da humanidade»; acolá saboreando um succulento jantar.

O mundo está cheio destes bobos alegres; por isso as notas que pretendo publicar, se Deus me der vida e saude, como diria o Kaiser ou o sr. conselheiro Ruy Barbosa, os taes sujeitinhos dos elogios e das «poses» terão tambem a sua vaidade lisonjeada pela minha inoffensiva critica.

E, por hoje, tenho dito.

JOLY.

O operario

Contra os azares de uma sorte bruta
Que na terra lhe deu a vida afflicta,
Para ganhar o pão que necessita,
Sem descanso o operario, heroico luta.

No entanto a sociedade dissoluta,
Essa grande e insaciavel parasita,
Lhe rouba todo o bem que felicita
Quem, cujas preces o deus Pluto escuta.

Emfim, depois de ter vivido preso
Ao seu dever porque de amor se abraza,
Encontra em vez de preitos o desprezo

Da nescia gente da vaidade filha;
E, pobre, vae morrer na Santa Casa,
Privado dos carinhos da familia.

Benedicto Cardoso.

Bragança

O Estado tem uma longa historia toda de morte e de sangue. Todos os crimes que se teem commettido no mundo, os massacres, as guerras, os prejurios, as fogueiras, as torturas, tudo tem sido justificado pelo interesse do Estado. O Estado tem uma longa historia, toda ella é sangue.

George Clemenceau.

Desprestigiemos a guerra

Sim, é preciso desprestigiar a guerra, e mostrar em toda a sua ferocidade bestial o rictus odioso dessa face de monstro de fogo e aço que, sobre um pedestal de cadaveres sanguinolentos e de ruinas calcinadas, o despotismo secular engrinaldou de louros e ergueu até aos céos, na hieratica pompa imperial da sua clamide de purpura, brandindo na mão gelada o gladio nú das carnagens.

Justino Montalvão.

A venda d'«A Plebe» em S. Paulo

Nesta capital, *A Plebe*, além de vendida nas ruas, é encontrada nos seguintes pontos:

Agencia de jornaes, do sr. Antonio Scaluto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de engraxate do largo da Sé n. 11

Livraria Moderna, Avenida Rangel Pestana, 169.

No engraxate do largo da Sé, 4.

«A Plebe» no Rio

E' encontrada á venda nos seguintes pontos:

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro, vendedor de jornaes.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 105 engraxate.

Café Criterium, largo do Rosario, 32.